

**RIVERA ANDÍA, Juan Javier (Editor).
Comprender los rituales ganaderos en
los Andes y más allá. Etnografías de
lidias, herranzas y arrierías. Aachen:
Bonner Amerikanistische Studien,
2014, 500 p.**

INDIRA VIANA CABALLERO

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p415-420

A coletânea organizada por Rivera Andía, reúne onze artigos repletos de dados etnográficos que contribuem sobremaneira para a compreensão do tema das relações entre humanos e animais não apenas no território andino, mas para além dele. No Prefácio de Peter Gose, autor da obra seminal “Aguas mortíferas y cerros hambrientos” (2001) sobre rituais agrícolas nos Andes peruanos, é realçada a capacidade de tais eventos de nos “introduz[ir]em nas relações sociais, no idioma e na cultura do pastoreio” (p.10). Ao longo dos vários capítulos da coletânea, são descritos desde rituais de marcação do gado, até diferentes festas, ocasiões em que música, dança e compartilhamento de substâncias são indispensáveis para celebrar e garantir a vida desses seres que brindam riqueza e vitalidade àqueles que os criam.

Na Introdução, Rivera Andía chama atenção para as lacunas etnográficas sobre rituais relacionados ao gado nos Andes, ressaltando o destaque dado na literatura existente para os camelídeos (lhamas e alpacas) e as *herranzas* (rituais de marcação dos animais) de um lado, e, de outro, a escassez de trabalhos sobre o gado bovino, ovino e equino, de origem europeia. Isso se deve em parte, conforme aponta oportunamente o autor, ao fato de que muitos desses estudos foram realizados por folcloristas, escritores e intelectuais locais influenciados por ideologias que predominaram na segunda metade do século XX no Peru, como o indigenismo. Assim, regiões do sul do Peru teriam sido vistas como as mais “indígenas” e mais “autênticas” (p.29), o que de certa forma se reflete nos estudos sobre rituais do gado, sobretudo a *herranza*, cuja maior parte da bibliografia é referente aos departamentos de Arequipa, Cuzco, Apurímac, Puno, Huancavelica e Ayacucho (todos na região sul do país). Nesse sentido, o presente trabalho vem ajudar a preencher tais lacunas, pois aborda rituais que envolvem diversos tipos de gado (bovinos, ovinos e camelídeos) e em diferen-

tes regiões andinas do Peru (incluindo os departamentos de Moquegua, Pasco e Lima). O autor nota, ainda, a ausência de trabalhos interpretativos e de análises comparativas sobre os rituais do gado na região andina, o que transforma a presente coletânea numa importante contribuição para os estudiosos da área, posto também que inclui um notável artigo sobre a região de Jujuy (noroeste da Argentina). Em se tratando de ultrapassar os limites andinos com vistas a traçar algumas conexões analíticas, esse trabalho dá um passo ousado, porém frutífero, ao incorporar um artigo sobre o noroeste do México e outro sobre o sudoeste dos Estados Unidos, conforme veremos a seguir.

O livro é dividido em duas partes, sendo a primeira intitulada “Etnografías del centro y sur de Perú”, composta de sete ensaios etnográficos. O primeiro, “Tauromaquia en el altiplano (Puno)”, de Luis Murguía, apresenta um dos acontecimentos festivos mais importantes da região andina peruana: a corrida de touros, evento que mobiliza a comunidade inteira. O tom de competição entre os humanos e o bravo animal causa euforia e animação, além de ser uma forma de prever bons auspícios para o ano seguinte. Já no texto sobre os rituais para reprodução de animais em Puno, de Efraín Cáceres, fica explícito como a conduta animal pode oferecer “sinais” enviados pelos *Apus* (montanhas protetoras) ou outras divindades, que os humanos jamais devem perder de vista. O autor descreve a marcação do gado (bovino, ovino, equino e camelídeo) como ritual voltado para atrair a sorte, saúde e prosperidade dos animais, da mesma forma que nos mostra Enrique Rivera Vela ao discorrer com detalhes o *ch'allakuy*, ou festa para o gado, em duas comunidades *alpaqueras* (criadoras de alpacas), uma na região altoandina de Moquegua e outra de Puno.

No artigo de Axel Schäfer, a Festa de Santiago, padroeiro do gado, e a *Tinkasqa* são duas celebrações realizadas num pequeno povoado do departamento de Apurímac e embora aparentem origens diferentes – uma católica e a outra pré-colombiana – possuem caráter inteiramente local, apresentando várias semelhanças. Entre os objetivos principais das ditas festas estão a incorporação de novos membros à comunidade e, sobretudo, a proteção dos animais, uma vez que busca-se afugentar a “desgraça” de um lado e, de outro, assegurar que o santo padroeiro transfira parte de sua força para o gado (bovino, equino e ovino). O texto seguinte, de Alejandra Ttito Tica reforça alguns aspectos sobre a marcação de gado, principalmente através das narrativas de duas mulheres de Apurímac, enquanto o de Máximo Cama Ttito contribui no mesmo sentido, porém, com dados provenientes do departamento de Pasco. Finalmente, Leonor Muñoz Palomino agrega inúmeros dados etnográficos sobre rituais destinados especificamente à fertilidade de camelídeos (alpacas e lhamas) em Ayacucho.

Esse conjunto de artigos dialoga, de forma geral, com os quatro ensaios de maior alcance interpretativo que compõem a segunda parte do livro: “Otras áreas, otros ritos. Elementos comparativos”. Nesta parte, Rivera Andía nos apresenta uma comparação entre a marcação do gado com a *zafa-casa* (rituais

relacionados com a inauguração de uma casa) e a Festa da Água, celebração em que um dos rituais centrais é a *champeria* (limpeza de canais de irrigação) na região andina do departamento de Lima. Todos os três rituais mostram-se como *ritos de paso*, uma passagem da fase imatura à vida adulta, e de uma sorte de “animalização” à “humanização” – de humanos e de animais. No artigo sobre rituais de procriação de lhamas, ovelhas, cabras e vacas em Jujuy, noroeste da Argentina, de Lucila Bugallo, emerge com destaque a relevância das trocas entre não-humanos, uma vez que a autora propõe que o próprio gado oferece suas flores (os adornos usados como brincos que lhes são colocados na marcação) à *Pachamama* (Mãe Terra) – ao perdê-las no campo – como retribuição pelo pasto que esta fez crescer.

Os dois artigos que finalizam a segunda parte da coletânea tratam de pesquisas realizadas no sudoeste dos Estados Unidos e noroeste do México. Um deles, de Frédéric Saumade, aborda traços indígenas (mexicanos) que podemos encontrar no rodeio americano ainda que essa região dificilmente possa ser considerada indígena – contudo, o autor nos lembra que essa foi uma região “novohispana” e depois mexicana até 1848. Desse modo, Saumade afirma que a história do rodeio americano possui influência espanhola, demonstrando como a tauromaquia hispânica está presente na origem da cultura do *cowboy*, traço que estabelece um nexos com a tauromaquia andina. O outro artigo, que encerra a coletânea, é de autoria de Saumade e Ana Valenzuela-Zapata, cujo objetivo é apontar para uma interpretação mesoamericana da tauromaquia no noroeste do México a partir da corda, elemento ritual fundamental nos rodeios.

Uma das motivações mais importantes dos rituais do gado de forma geral, conforme Rivera Andía, consiste na “transformação da dependência em aliança” (p.61), sobretudo uma aliança com os *apus* uma vez que as “alturas” (*puna*) – pastos no altiplano onde via de regra o gado é criado – são reconhecidas como seu território. O principal fundamento dos rituais para o autor é eliminar o que ele chama de “*potencialidad asocial*” existente na criação do gado, um efeito das noções sobre as alturas como um espaço “perigoso”, “alheio”, “quase contrário ao mundo dos homens” (p.61), se comparado aos vales, pisos ecológicos inferiores, cujo clima e características socioespaciais são menos hostis. Logo, os últimos seriam territórios “sociais” por excelência, onde situam-se vilarejos e povoados, o que significa que homens e animais vivem em espaços contrastantes em alguma medida, “espaços separados por uma fronteira quase ‘metafísica’” (p.30).

Embora essas sejam diferenças “mais ou menos imaginárias” (p.60) entre os dois espaços, nota-se um processo de amansamento dos animais através dos rituais – como a colocação dos brincos (de fitas coloridas, fios de lã etc.) nas vacas durante a marcação, ato que favorece sua transformação de chucras em mansas (Cama Ttito). O caráter transformativo dos rituais, entretanto, não se

esgota aí. As atribuições dos jovens participantes nesses rituais indicam que o início da vida adulta sucede tais experiências. Rivera Andía ressalta, com isso, a associação entre o homem imaturo e o animal não domesticado, apontando para os perigos que tais estados envolvem, propondo, dessa maneira, tratar os rituais do gado como ritos de passagem da vida juvenil à vida adulta.

Diante da fertilidade analítica que os dados propiciam ao leitor, gostaria de destacar brevemente dois aspectos que percorrem os diferentes artigos da coletânea: primeiro, a dimensão festiva dos rituais em questão como ocasiões ideais para reforçar as relações entre diferentes seres; segundo, a importância do compartilhamento de substâncias entre humanos e não-humanos nesses eventos.

As festas para o gado mobilizam amigos e parentes (Alex Schäfer; Muñoz Palomino; Rivera Andía), tornando-se assim uma oportunidade de fortalecer as relações e de criar um círculo virtuoso de troca de “ajudas”, uma vez que receber apoio implica retribuir futuramente. Da mesma forma, são momentos oportunos para reforçar as relações com os seres não-humanos dos quais depende a sorte, saúde e prosperidade dos animais e de seus donos. Por isso, oferta-se folhas de coca, bebidas alcoólicas, incensos, cigarros e alimentos, e, às vezes, até mesmo a vida de animais, através de sacrifícios (de lhamas, vacas, alpacas e porquinhos-da-índia), agradecendo-lhes pela prosperidade recebida; ao mesmo tempo pedindo “amparo”, “justiça” e “proteção” (p.102) para o gado (Luis Murguía). As oferendas são, ainda, uma forma de “pedir licença” (p.128) aos *Apus* e outros seres para a realização dos próprios rituais. Os pedidos devem ser feitos sempre com “respeito” e “humildade” (p.128) para “convencer os deuses andinos” (p.130), os únicos capazes de reproduzir o gado (Cáceres Chalco; Rivera Vela). Deixar de realizar ditos rituais ou proceder de forma incorreta pode provocar a ira das entidades poderosas que interpretam essas faltas como “desrespeito”. Aos olhos dos pastores tal reação pode resultar em um reduzido número de animais saudáveis, na falta de sorte ou aumento de infortúnios (Schäfer; Lucila Bugallo), como, por exemplo, o desaparecimento de humanos e animais tragados pelas ávidas montanhas (Muñoz Palomino).

As festas são uma demonstração da importância dos animais, momento oportuno para retribuir os seus esforços, como no *llamatumachiy* (Muñoz Palomino), uma homenagem às lhamas, muito úteis como animais de carga. Ademais da fartura de bebida e comida para os homenageados, a retribuição acontece também através de canções entoadas pelas mulheres, uma forma de “gostar” e de “estimar” o gado (Cama Ttito). Os animais são “adorados” e “exaltados” pelos donos e seus convidados (Schäfer), recebendo de tudo, tal qual acontece nas festas oferecidas para os santos e para a *Pachamama*, inclusive uma série de adereços: serpentinas no pescoço (Cáceres Chalco; Bugallo); brincos coloridos (Cama Ttito; Lucila Bugallo); e outras vestimentas rituais como ponchos, *chuspas* (pequena bolsa para guardar folhas de coca), diademas e colares (Bugallo). No *kasarakuy* (o casamento de ovelhas) os animais dançam,

são felicitados e abraçados pelos convidados (Cáceres Chalco) da mesma forma como sucede com os humanos.

O segundo aspecto a ser destacado consiste na importância do compartilhamento de substâncias durante os rituais do gado, eventos em que todos devem comer e beber, fumar e mascar coca. Isso inclui, evidentemente, os animais que, ao mascar coca e beber vinho estão ingerindo elementos que possuem a capacidade de contribuir para a procriação ou *multiplico* (multiplicação) dos animais (Cáceres Chalco), e de garantir uma existência saudável e longa, afastando-os de doenças e outros infortúnios como ataques de predadores (pumas, condores e zorros). *Pachamama*, *Apus* e antepassados são nutridos, ainda, com pratos especiais como a *corpachada*, feita especialmente para “convidar” a *Pachamama* (p.327) durante a *señalada* (marcação do gado na *puna* de Jujuy), composta principalmente de líquidos (Lucila Bugallo). Conforme a autora, é uma “devolução ou agradecimento sob a forma de um dom”, ou seja, “se devolve dando de comer à terra já que ela dá de comer aos seres humanos” (p.361). Os antepassados também são convidados e alimentados através de libações direcionadas especificamente para eles (Luis Murguía). Isso denota a grande preocupação e o empenho que os povos de diferentes regiões dos Andes manifestam em compartilhar substâncias com outros seres. Seja enterrando ou incinerando matérias, derramando ou aspergindo líquidos, todas essas são maneiras de fazer os diferentes seres consumir os elementos ofertados. Beber junto, na compreensão de diversas populações andinas, é “selar um compromisso”, como nos lembra Luis Murguía. Pode-se agregar, ainda, que a tarefa de alimentar aqueles que nos alimentam é essencial para a manutenção do fluxo ideal das vitalidades, lembrando que, em outros termos, nós comemos a *Pachamama* e os *Apus* e eles nos comem. Uma noção muito cara às populações andinas, como já enfatizado por Taussig (2010) e Nash (1979) em suas célebres etnografias acerca da relação dos mineiros bolivianos com as montanhas e com os seres que nelas habitam.

Ao concluir a leitura fica evidente para o leitor que a celebração dos diferentes rituais do gado marca a cooperação e a manutenção de relações íntimas entre três coletivos: humanos, *Pachamama*/*Apus*/antepassados, e os próprios animais. Por tantas contribuições etnográficas e analíticas que nos permitem ampliar a análise das relações entre humanos e não-humanos no território andino, e para além dele, é que a leitura dessa coletânea se torna inspiradora.

Referências bibliográficas

- GOSE, Peter. *Agua mortífera y cerros hambrientos*. Ritos agrarios y formación de clases en un pueblo andino. La Paz: Editorial Mamahuaco, 2001.
- NASH, June. *We eat the mines and the mines eat us: dependency and exploitation in bolivian tin mines*. New York: Columbia University Press, 1979.

TAUSSIG, Michael. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

autora **Indira Viana Caballero**

É professora visitante do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Roraima. É doutora e mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Recebido em 24/04/2017

Aceito para publicação em 06/12/2017